PC5057
.D32
1929

A UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PC5057
.D32
1929

DEMCO

00006002050

Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

https://archive.org/details/unidadedalnguapo00unse

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

A UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
Sociedade Editora
ARTHUR BRANDÃO & C.ª
Rua da Condessa, 80

28/1/70
nb

A UNIDADE
DA
LÍNGUA PORTUGUESA

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO
DA ASSEMBLEA GERAL DA ACA-
DEMIA DAS SCIÊNCIAS, DE
4 DE ABRIL DE 1929.

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 3.ª edição.
Sonetos (1916) — 5.ª edição.

PROSA

Outros tempos (1909) — 3.ª edição.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 3.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 5.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 3.ª edição.
Mulheres (1916) — 6.ª edição.
Êles e Elas (1918) — 4.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 5.ª edição.
Como elas amam (1920) — 4.ª edição.
Abelhas doiradas (1920) — 3.ª edição.
Os galos de Apollo (1921) — 2.ª edição.
Arte de amar (1922) — 2.ª edição.
O heroísmo, a elegância, o amor (1923).
Eva (1925).
Cartas de Londres (1927) — 2.ª edição.
Diálogos (1928) — 2.ª edição.
As Grandes Batalhas — No prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 5.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 3.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição.
Crucificados (1902) — 3.ª edição.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 27.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 5.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 4.ª edição.
Rei Lear (1906) — 2.ª edição.
Rosas de todo o ano (1907) — 10.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 6.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) — 2.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 3.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 5.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 3.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 3.ª edição.
1023 (1914) — 3.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 4.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) — 3.ª edição.
D. João Tenório (1920) — 2.ª edição.
A Castro (1920) — 2.ª edição.

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

PC 5057
.D32
1929

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

A UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
Sociedade Editora
ARTHUR BRANDÃO & C.ª
Rua da Condessa, 80

Gpc

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português;* no estrangeiro (países da União) em harmonia com a convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de Março de 1911, e a que o Brasil aderiu também pela lei n.º 4:541, de 6 de Fevereiro de 1922, e decreto n.º 15:530, de 21 de Junho do mesmo ano.

Imprensa da PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 100 — LISBOA

Constituindo o discurso sôbre «A unidade da Língua Portuguesa», pronunciado na sessão da Assemblea Geral da douta Academia das Sciências de Lisboa, de 4 de Abril de 1929, pelo seu Presidente, sr. Dr. Júlio Dantas, um documento de interêsse nacional, esta Casa Editora solicitou e obteve autorização para o publicar.

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Senhores académicos:

Razões internacionais de ordem política, cultural e económica têm determinado recentemente um acentuado movimento no sentido da maior extensão e influência da língua portuguesa. A reivindicação feita pelos delegados brasileiros, em obediência às instruções do respectivo chanceler, na Conferência Pan-americana da Havana; a aceitação do português, pela Conferência Internacional do Trabalho, de Genebra, e pelo Congresso de História, de Barcelona, como uma das línguas oficiais nos seus trabalhos; a criação das cadeiras de estudos portugueses em várias Universidades e escolas estrangei-

ras, na Sorbonne, nas Universidades de Londres, Madrid, Tóquio, na Universidade e na Escola Colonial de Hamburgo, e, ainda há poucos meses, na Universidade do México; o desenvolvimento do espírito de cooperação intelectual determinado pela acção da Sociedade das Nações, dos seus Institutos e dos diversos organismos sob a sua dependência; a intensificação do estudo da língua portuguesa nas nações em que se têm acentuado as correntes emigratórias para o Brasil e para as colónias portuguesas (Itália, Alemanha, Japão, Bélgica), nações naturalmente interessadas em valorizar a sua emigração convertendo-a num poderoso factor económico; — estas e outras razões, entre as quais é justo salientar o alargamento da esfera de influência internacional do Brasil no domínio económico e político, têm assegurado à língua portuguesa, nos últi-

mos tempos, um prestígio e uma expansão consideráveis, que ela merece, porque é uma das mais belas, das mais sonoras, das mais harmoniosas, das mais opulentas línguas neo-latinas. Nestas circunstâncias, ocorre perguntar: aumentando, de dia para dia, o interêsse que à língua portuguesa consagram as nações estrangeiras, não será natural e legítimo que lhe consagremos, também, um pouco mais de interêsse em Portugal? Sendo a língua uma criação maravilhosa do nosso génio, não é a nós outros, seus criadores, que compete zelá-la, depurá-la, fixá-la, exercer essa acção de defesa e de uniformização idiomática que Whitney considera a mais alta expressão da cultura de um povo, manter — numa palavra — a pureza, o esplendor e a unidade da língua portuguesa?

O enunciado destas simples perguntas envolve, naturalmente, o reconhecimento

de que nem sempre temos cuidado com a devida atenção dêsse património glorioso, impondo a regra e a disciplina indispensáveis à fixação do seu padrão vernáculo; de que os instrumentos de que a nação dispõe para o exercício dessa função — um dos quais é a Academia — não a têm podido exercer com inteira eficácia, decerto por motivos superiores à sua vontade; de que, finalmente, não só se encontra comprometida a unidade da língua portuguesa falada, nas cinco partes do mundo, por quási sessenta milhões de almas, mas não está devidamente assegurada a própria unidade da língua portuguesa falada e escrita em Portugal. Essa carência de uniformidade é particularmente sensível no domínio ortográfico, revestindo a nossa grafia uma variedade de aspectos admissível porventura num dialecto ainda mal fixado, mas difícil de

aceitar numa língua literária com as brilhantes tradições da portuguesa. O espectáculo que no actual momento oferecem, sob êste ponto de vista (não falando já noutros), a nossa literatura e a nossa hemerografia, é, por muitos motivos, lamentável; e a consideração dos inconvenientes que daí resultam — inconvenientes de ordem nacional e de ordem internacional — impõe-me o dever de chamar para o assunto a atenção da Academia e, especialmente, a dos nossos filólogos. Não há hoje uma escrita portuguesa; há várias escritas portuguesas, desde a cacografia dos fonéticos até à escrita complexa dos etimologistas rigorosos, transitando por várias formas intermédias mais ou menos simplificadas, uma das quais — a única que obedece a um sistema lógico de simplificação e de uniformização — é a aprovada, por portaria de 12 de Setembro de

1911, para as escolas e publicações oficiais. Resolveu porventura, esta notável providência governativa, o problema da unidade ortográfica? Não o resolveu. A ortografia oficial foi decretada; mas não tem sido geralmente seguida; nem mesmo é rigorosamente observada por muitos daqueles que dizem adoptá-la. A despeito da alta competência dos filólogos, lexicógrafos e gramáticos seus autores, dignos da nossa admiração e do nosso reconhecimento, a reforma de 1911 (que não é, devo acentuá-lo, de iniciativa desta Academia) suscitou reparos, justos ou injustos, aquém e além Atlântico, pelo excessivo luxo diacrítico que dificulta a sua observância integral, sobretudo na Imprensa; pela imprecisão na grafia de determinadas flexões, designadamente as dos verbos; pela preconização de certas formas neográficas que repugnaram ao sen-

timento geral; — e o certo é que, passados dezassete anos sôbre a sua promulgação, a anarquia gráfica subsiste, com prejuízo do prestígio e da expansão internacional da língua portuguesa, cujo aprendizado se torna, por êsse facto, particularmente difícil para os estrangeiros. Com efeito, o que pensará e o que dirá, perante a inexplicável diversidade de grafias ao mesmo tempo usadas nos livros e nos jornais da nossa terra, um universitário de Londres, de Tóquio ou de Hamburgo, que neste momento procure, laboriosamente, adquirir o conhecimento da língua portuguesa? E com que autoridade pretendemos nós impôr como instrumento internacional um idioma cuja expressão ortográfica temos sido impotentes para fixar?

Bastariam estas razões, quando outras não houvesse, para justificar, meus ilustres consócios, a necessidade de submeter

mais uma vez o problema à sua consideração. A unidade duma língua não se decreta; não se impõe pela acção legal dos governos; mas consegue-se pela autoridade moral das academias. É preciso que esta instituição, reintegrando-se no espírito admirável que animou a sua primeira sessão solene, em 4 de junho de 1780, se ocupe do problema da língua. Creio que, em princípio, todos estaremos de acôrdo; é natural, porém, que os critérios divirjam quanto à extensão, à modalidade, às possibilidades e aos métodos da nossa intervenção. Como vamos nós proceder? Cumpre determiná-lo préviamente, porque, da maior ou menor extensão do programa proposto, dependerá o maior ou menor sacrifício que temos de pedir ao Tesouro público. Penso que nos será necessário optar por um de dois caminhos: ou iniciar desde já os trabalhos de organização de

um grande dicionário etimológico e histórico da língua portuguesa, renovando, em bases lexicográficas modernas, as malogradas tentativas do ilustre Pedro José da Fonseca no século XVIII e do eminente Latino Coelho no século XIX, labor gigantesco que não se concluirá na vida de nenhum de nós, mas que é preciso principiar um dia; ou, tendo especialmente em consideração a necessidade de uma intervenção rápida, limitarmo-nos, por agora, à elaboração de um dicionário de proporções mais modestas, senão de um simples vocabulário ortoépico e ortográfico, o que — inútil acentuá-lo — de modo algum prejudica a ulterior organização do grande Dicionário, antes constituirá uma das suas operações preliminares indispensáveis. Não me cabe a mim, mas à Academia, e, em especial, aos filólogos desta casa, pronunciarem-se por uma ou por

outra destas soluções, ou por ambas, visto que, rigorosamente, elas não se excluem; julgo, entretanto, que seria de bom conselho, seguindo o preceito de Mickiewicz — «*mesure ton but à tes forces*» — restringir prudentemente a nossa acção ao limite das nossas possibilidades imediatas. A Academia resolverá como entender. Seja, porém, qual fôr a sua resolução; quaisquer que sejam os princípios a seguir e os métodos a adoptar no seu labor futuro, os senhores académicos e os elementos técnicos estranhos à Academia porventura chamados àmanhã a colaborar comnosco — núcleo, talvez, de uma futura Academia da língua — não se esquecerão, decerto, de que a língua portuguesa não é falada apenas em Portugal; de que as vicissitudes ortográficas têm comprometido e estão comprometendo a expansão do livro português nos mercados brasileiros; de

que algumas dúvidas suscitadas, além-Atlântico, pela reforma de 1911, são susceptíveis de consideração e de exame; e de que a aspiração metropolitana da unidade do nosso idioma — como, na Gran-Bretanha e na Espanha, a aspiração à unidade do inglês e do castelhano — não se limita ao português falado em Portugal, mas abrange, através dos continentes, todo o vasto império espiritual da língua.

A língua portuguesa! Sob quantos outros aspectos — que não, apenas, o ortográfico — ela tem de ser zelada, corrigida e depurada, e como eu próprio, que toda a vida a procurei servir, lamento, sinceramente, não ter sabido servi-la melhor! No momento em que me dirijo aos senhores académicos, pedindo-lhes o sacrifício de um pouco do seu tempo e do seu trabalho para a obra que a Academia tem o dever moral de realizar, eu recordo, com pro-

fundo respeito, a evolução, ou, melhor, a ascensão gloriosa desta língua em que palpita e resplandece a própria alma da latinidade. Com que ternura a vejo surgir do dialecto galego — pequena fonte, simples veio de água cristalina — brincar nos versos arcaicos de D. Denis, tão primitiva como a falariam, se a sua pedra pudesse animar-se, os reis e os apóstolos do pórtico da Glória, de Santiago! Com que desvanecimento a sinto, já corrente murmurante, tomar vulto na prosa ainda bárbara de Fernão Lopes — surpreendente tapeçaria da Idade-Média, tropel confuso de desordens e de batalhas, onde retinem armaduras, gritam arautos, soam trombetas — ; cantar e bailar nas doiradas éclogas pastorís de Gil Vicente; esplender, como as pratas cinzeladas da Renascença, nos graves sonetos italianos de Sá de Miranda! Com que orgulho ela se levanta em arco

triunfal — língua de conquistadores e de dominadores — solene na *Ásia* de João de Barros, ofuscante nas oitavas dos *Lusíadas,* tão sonora que a ouviu no século XVI o mundo inteiro, tão formidável que une, no fulgor do seu abraço, todos os continentes e todos os oceanos! Ainda há pouco pequeno ribeiro onde se afoga o rouxinol de Bernardim, já a vejo, já a oiço marulhar em ondas na eloquência de Vieira; alargar em estuário no límpido vernáculo de Bernardes; ulular em tempestade na prosa trovejante de José Agostinho; e, por momentos tranquila, fluida, transparente, luminosa na graça ateniense de Garrett, agitar-se de novo, rugir, bramir, uivar, altear-se em vagas, referver em cachões, palpitar de confrangedora, de infinita dor humana, nas novelas de Camilo e nos sonetos de Antero! Língua batida na forja dos combates, rezada no horror

dos naufrágios, língua de dor e de amor, que tem a eternidade da pedra nos padrões dos navegadores, o toque do bronze na voz imperial de Albuquerque, a humildade das pombas na alma lírica de João de Deus, — como não havemos nós de a amar, se ela é feita do melhor do nosso sangue e da nossa glória; se ela é a mais viva expressão da nossa imortalidade; se — obra laboriosa dos séculos! — ela viveu antes de nós e viverá para além de nós; se ela é, emfim, o laço imortal que nos une e a voz dos mortos que nos fala?

Relevem-me, meus presados consócios, esta digressão sentimental. Eu sei que não é com o coração que se fazem os dicionários; mas sei também que, sem o sentimento, nada se faz. Disse-o um dos mais belos espíritos da França contemporânea: são as influências sentimentais que determinam e conduzem os homens. «*Une idée*

dénuée de soutien affectif, n'est qu'un fantôme sans prestige, sans durée et sans force». É preciso que a velha idea do Dicionário não continue a ser, dentro desta casa, uma idea «sem prestígio, sem duração e sem fôrça». Não temos, neste momento, elementos bastantes para montar a grande máquina de um dicionário etimológico e histórico? Contentemo-nos com um vocabulário, ou, se fôr possível, com um dicionário simplificado. Inventariemos a riqueza vocabular da língua, fixando definitivamente a sua ortografia e a sua ortoépia, e deixemos para mais tarde o grande léxico que a Academia há cento e cinquenta anos deve à Nação, na certeza de que essa dívida a seu tempo se pagará. Existe uma «Comissão do Dicionário», eleita na assemblea geral de 2 de Março de 1911, comissão que reviu a reforma ortográfica então decretada e que, no magistral relatório de

17 de Fevereiro de 1916, redigido pelo eminente académico sr. dr. David Lopes, apresentou as suas conclusões. Temos de reorganizar essa comissão, a que a morte roubou alguns vultos inolvidáveis; e temos de fazer uma nova revisão da reforma de 1911, alterada já, em alguns pontos, pela portaria de 29 de Novembro de 1920. A questão ortográfica não se apresenta hoje, como então, apenas sob o aspecto técnico, mas sob aspectos políticos e económicos que a Academia não pode deixar de conhecer e de considerar em conjunto, porque envolvem o problema da unidade da língua e da permanência do seu vasto império, que só pode manter-se pela difusão da cultura portuguesa e pela expansão do livro como seu principal instrumento. Até que ponto será possível conciliar a razão filológica com a razão política? A Academia o dirá. Estabelecidas definiti-

vamente as novas bases ortográficas e obtida para elas a sanção do Govêrno, a elaboração e publicação do vocabulário, ou, mesmo, do pequeno dicionário, não excederá, penso eu, o limite prudente das nossas possibilidades. Não é preciso que sôbre nós caia a chuva de oiro de Júpiter; basta que nos sejam assegurados os recursos materiais indispensáveis, recursos que nenhum Govêrno, qualquer que êle seja, recusará à Academia, quando ela mais uma vez, desinteressadamente, queira servir a Nação. A extensão dos sacrifícios que temos de pedir ao Tesouro público, dependerá, naturalmente, do plano adoptado e dos métodos, da disciplina e do ritmo que imprimirmos ao nosso trabalho. Eis a questão, reduzida às proporções em que a assemblea terá de a apreciar. Estou certo de que a Academia, possuída do sentimento colectivo das suas responsa-

bilidades e da consciência perfeita da sua função, resolverá como melhor conviér aos altos interêsses nacionais que lhe estão afectos, dando-se por bem paga do seu labor com a glória de ter sabido zelar e servir uma das mais belas línguas que a latinidade gerou.

Disse.

PORTUGAL-BRASIL

SOCIEDADE EDITORA

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

AFFONSO LOPES VIEIRA
O Romance de Amadis (2.ª ed.) ..... 15$00
País Lilás, desterro azul ..... 7$00
Diana ..... 10$00
Auto da barca do inferno .... 4$00
Bartholomeu Marinheiro .... 10$00
Canto (O) coral ..... 2$00
Gil Vicente ..... 4$00
Versos ..... 15$00

BOCCACIO
Contos selectos ..... 6$00

CAFT
A minha casa de Camillo ... 50$00

CARLOS MALHEIRO DIAS
A esperança e a morte (2.ª ed.) ..... 8$00
A Verdade Nua (2.ª ed.) .... 9$00
Carta aos Estudantes ..... 2$00
Exortação à Mocidade ..... 8$00
O «Piedoso» e o «Desejado» . 8$00
Paixão de Maria do Céu (2.ª ed.) ..... 10$00

EDUARDO SCHWALBACH
A Historia da Carochinha ... 4$00

H. LOPES DE MENDONÇA
Sangue Português (3.ª ed.) ... 8$00
Gente Namorada (2.ª ed.) .... 8$00
Lanças n'Africa (2.ª ed.) ..... 8$00
Capa e espada (2.ª ed.) ..... 8$00
Fumos da Índia (2.ª ed.) ..... 8$00
Santos de casa ..... 8$00
Almas penadas ..... 8$00
Arqueiros e cavaleiros ..... 8$00
O Crime de Arronches (teatro) ..... 4$00
Vasco da Gama na Historia Universal ..... 2$00
Epopeia de hoje ..... 2$00
Lux perpetua ..... 3$00
Orphãos de Calecut ..... 15$00
Trovas de Portugal ..... 1$00
A Morta (2.ª ed.) (teatro) .... 8$00

JOÃO DE DEUS
Campo de Flores, 2 vols ..... 25$00

JOÃO DO RIO
A Mulher e os Espelhos ..... 8$00
Rosario da Illusão ..... 8$00
Correspondencia de uma estação de cura (2.ª ed.) ..... 7$00
Eva, 3 actos ..... 7$00
Bella (A) Madame Vargas, 3 actos ..... 7$00
Que pena ser só ladrão ..... 7$00
Na conferencia da paz, 2 vols. 10$00

JÚLIO DANTAS
Cartas de Londres (2.ª ed.) .. 8$00
Como elas amam (3.ª ed.) .... 8$00
Espadas e rosas (5.ª ed.) ..... 8$00
Mulheres (6.ª ed.) ..... 9$00
Sonetos (5.ª ed.) ..... 4$00
Abelhas doiradas (2.ª ed.) ... 8$00
Ao ouvido de M.me X (5.ª ed.) 9$00
Os galos de Apollo (2.ª ed.) .. 8$00
Êles e Elas (4.ª ed.) ..... 8$00
Arte de Amar (2.ª ed.) ..... 8$00
O Heroísmo, a eleg.ª, o amor. 6$00
Outros tempos (3.ª ed.) ..... 8$00
Figs. de ontem e de hoje (3.ª ed.) 8$00
Patria Portuguesa (4.ª ed.) .. 10$00
O amor em Portugal no século XVIII (3.ª ed.) ..... 12$00
Eva (5.º milhar) ..... 10$00

TEATRO:
A Severa ..... 8$00
D. João Tenorio, 6 actos ..... 8$00
Rosas de todo o anno ..... 2$00
1023, episodio em verso ..... 2$00
Auto de El-Rei Seleuco ..... 3$00
Um serão nas Laranjeiras ... 8$00
A Castro ..... 3$00
Sôror Mariana ..... 3$00
D. Beltrão de Figueirôa ..... 3$00
Primeiro beijo ..... 2$00
Mater Dolorosa ..... 3$00
D. Ramon de Capichuela .... 2$00
Paço de Veiros ..... 4$00
Carlota Joaquina ..... 3$00
Rei Lear ..... 9$00
Santa Inquisição ..... 6$00

L. A. REBELO DA SILVA
Contos e Lendas ..... 6$00
Casa dos phantasmas ..... 7$00
Lagrimas e thesouros ..... 7$00
Odio velho não cansa ..... 7$00
A Mocidade de D. João V (2 vs.) 15$00

PEDRO IVO
Sello (O) da Roda ..... 6$00
Contos ..... 6$00
Serões de inverno ..... 6$00

SAMUEL MAIA
Sexo forte (2.ª ed.) ..... 8$00
Entre a vida e a morte ..... 7$00
Lingua de Prata ..... 8$00
Luz Perpétua ..... 7$00
Mudança d'ares ..... 10$00
Por terras estranhas ..... 4$00
Manual de medicina ..... 15$00
Meu (O) menino (2.ª ed.) .... 10$00
Braz Cadunha, 3 actos ..... 6$00

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
000060020 50